

EDWARD CAHILL

HOMENS
SEM
REGRAS

Tradução de
José Remelhe

alma
dos
livros

Para o Mark.

PRIMEIRA PARTE

*Súbditos rebeldes, inimigos da paz,
É com sangue dos vossos que profanais o aço –
Não me ouvis?
– Romeu e Julieta*

*Porque vivem os jovens como se houvesse uma guerra?
– West Side Story*

Um

Numa noite de inverno em Greenwich Village, Roger Moorhouse, envergando flanela cinzenta e corado do *whisky*, sentia-se quase confortável. A sala estava quente e apinhada de gente, mas não mais do que era normal para uma quinta-feira. A comandita habitual de bichas mais velhas juntava-se na ponta mais próxima do balcão de zinco, a conversar com ênfase exagerada e a avaliar a anca estreita e as patilhas emergentes do empregado de balcão, um miúdo carrancudo oriundo de Espanha que, dizia-se, era hétero. Alguns homens mais jovens contorciam-se junto da *jukebox* ao som do *falsetto* áspero de Del Shannon, enquanto os mais tímidos se juntavam nos cantos sombrios do bar, esperando que reparassem neles ou passar despercebidos. Os outros clientes habituais do Caesar's pavoneavam-se e posavam como estrelas de cinema, ou serpenteavam para trás e para a frente pela sala sem motivo aparente, ou então amontoavam-se confidencialmente à volta das pequenas mesas que ocupavam toda a extensão de uma das paredes. Aos olhos de Roger eram sobretudo uns maricas ridículos e desprezíveis. Porém, depois de tantas incursões mensais, de algum modo habituara-se à anormalidade de tudo aquilo.

Desapertou a gravata e sorriu para o jovem por quem estava fascinado, um universitário vigoroso, talvez ainda não com os vinte e um anos feitos, que evoluíra com rapidez extraordinária do medo quase catatónico para uma compreensão consciente dos próprios encantos. Roger encontrara-o vergado perto da porta da frente, remexendo numa carteira de fósforos e a tentar não hiperventilar, mas depois de lhe explicar através de várias indiretas no momento

certo que uma aparência fantástica e uma virilidade florescente conferiam sempre lugar de destaque num bar de homossexuais, a respiração do rapaz regularizara aos poucos e o jovem endireitara-se, brindando-o com um sorriso tímido.

Depois de partilharem duas bebidas e uma ou duas provas palpáveis de virilidade, estavam a entender-se às mil maravilhas, como se fossem os dois únicos homens numa despedida de solteira.

Enquanto cavaqueavam, Roger permitiu que um braço chocasse com o do rapaz com delicadeza e uma vez deixou-o encostado o tempo suficiente para demonstrar que era intencional e talvez instigar outro sorriso. Porém, ao fim de um quarto de hora começou a ficar farto da conversa de circunstância e dos joguinhos parvos e olhou para o néon berrante do relógio *Schlitz* por cima do balcão.

– É a hora da bruxa¹ – disse.

– Oh, só tenho de regressar às... bem, quando quiser – disse o rapaz, que se chamava Andy. – Que diabos, se me apetecer posso passar a noite fora.

Roger sorriu perante o mal-entendido e disse com os seus botões que não precisava de ser tão impaciente. Reservara uma *suite* confortável no Iroquois, onde poderia beneficiar de absoluto sigilo. Depois de uma sesta e de saborear uma costeleta de vitela e um *Corby's* que pedira ao serviço de quartos, deslocara-se à baixa à procura de algo que ansiava desde inícios de janeiro e demorara menos de uma hora a encontrar.

– Suponho que, se ainda houvesse recolher obrigatório, não estaria a murmurar-te ao ouvido – disse, aproximando-se para sentir o cheiro do *Skin Bracer* de Andy, intenso e mentolado.

O rapaz fechou os olhos castanhos e afáveis, como que a ponderar sobre a decência de tal intimidade entre homens, depois respondeu com uma casquinada pateta de boca aberta.

– Sabes que és deveras adorável – disse Roger, mas depois pôs-se a pensar se não teria parecido demasiado infantil ou, pior, demasiado maternal.

¹ No setor financeiro, a «witching hour» (em português «hora da bruxa») é a última hora da negociação da sessão bolsista. [N. do T.]

Apenas recentemente estes advérbios supérfluos e adjetivos afetados tinham entrado para o seu discurso, e permanecido, pelo menos quando ia a sítios como o Caesar's. Embora fossem tão antagónicos em comparação com a linguagem masculina concisa que aprendera em pequeno e sempre utilizava em casa, no trabalho e aonde quer que fosse, gostava da forma como se alongavam e animavam até as frases mais breves e monótonas. Não era que quisesse necessariamente soar efeminado, mas tinha ressentimento pela lei que ditava a obrigação de ser sempre completamente masculino.

– Nunca ninguém me chamou isso – disse Andy, ruborizado.

– Nem sequer as raparigas na escola? – indagou Roger depois de esvaziar o copo.

– Bem, nunca mo disseram na cara.

– Aposto que, mesmo assim, te adoram.

Quando Roger pousou a mão no ombro de Andy e apertou, sentiu o formigueiro da promessa de carne desconhecida, mesmo por debaixo da grossura da malha da camisola como as dos pescadores irlandeses. No início Andy retraiu-se, mas apenas uma vez, e depois de terminar a bebida pareceu relaxar. Talvez também nunca ninguém lhe tivesse apertado o ombro.

Contudo, ao invés de desfrutar do momento, Roger ficou outra vez inquieto e sentiu uma ânsia de ir embora. As luzes de Natal ainda dependuradas no teto passadas seis semanas eram de mau gosto e deprimentes. Já estava farto do fumo e do calor, do cheiro a cerveja choca e dos maricas cujas vozes se tinham tornado ainda mais ruidosas e estridentes do que a música. Odiava a forma como podiam ser tão agressivamente animados num momento e tão ostensivamente enfadonhos no seguinte. Almejava uma saída rápida para um táxi à espera e uma viagem confortável até ao Iroquois, onde três horas a sós com Andy lhe transmitiriam juventude e vitalidade suficientes para aguentar mais um mês, mesmo que todo o caso lhe parecesse ter durado três minutos quando o recordasse uma semana mais tarde.

– O que achas de irmos dar um passeio? – disse Roger, embora a cidade estivesse a ser assolada por uma nevasca.

– Na neve? – questionou Andy.

– Ou então podemos ir até ao meu hotel.

O jovem deu uma gargalhada grosseira e nervosa. Depois virou os olhos para um lado e para o outro, coçou a cabeça com o corte raso em cima e suspirou com um desânimo que poderia levar a qualquer resposta, mas que acabou por resultar num anuir solene.

Com a camisola grossa e as calças de bombazina justas, Andy parecia viçoso e virginal. A testa enrugada e as orelhas teimosas eram ainda mais atraentes graças às imperfeições. Até o mais subtil dos movimentos do corpo era um espetáculo esplêndido. Quando encaixou os polegares no cinto e esticou as costas, deixou os ombros curvar-se para a frente como se fossem as asas de um anjo. E quando relaxou outra vez e mudou o peso para um lado, levantou o queixo macio com uma covinha ao meio, virou o pescoço quase imperceptivelmente e formou uma bola quase perfeita com metade do traseiro.

– Vamos pirar-nos daqui – disse Roger com desenvoltura, como se não fosse a maior graça num mundo cruel o facto de estar na iminência de o seu desejo ser cumprido. Um minuto depois estava a segurar o casaco grosso de lã de Andy, maravilhado enquanto o rapaz esticava os braços para trás e os enfiava nas mangas e radiante com o milagre do consentimento mútuo. Todavia, quando punham os gorros e saíam juntos do bar, o entusiasmo teve um fim abrupto. Um leque de luzes intermitentes irrompeu pela porta da frente enquanto um coro de apitos estilhou a atmosfera fumarenta. O zunzum da galhofa deu lugar a arquejos e gritos e ao estrépito de vidros a partir. Por instinto, Roger puxou Andy para longe das luzes e sondou a sala. O empregado de balcão espanhol, talvez o primeiro a compreender o que estava a acontecer, baixou-se depressa por detrás do balcão de zinco e desapareceu. À medida que a polícia entrava de rompante, brandindo cassetetes e vociferando impropérios, alguns clientes começaram a rastejar para os sanitários, cuja única janela articulada, sabia Roger, não permitia qualquer tipo de fuga. Outros fugiram para a porta dos fundos, onde era provável que estivessem posicionados mais agentes. As bichas velhas que estavam ao balcão de zinco limitaram-se a emborcar as bebidas e a baixar a cabeça como mártires de uma religião antiga.

Roger nunca vira uma rusga policial. Sempre presumira que seria suficientemente felizardo ou inteligente para escapar a uma, mas as

probabilidades de escapar incólume pareciam escassas, e a confiança que lhe permitira entrar essa noite no Caesar's e reclamar o rapaz mais atraente que lá estava começou a vacilar. Fragmentos da sua muito boa vida – o escritório requintado com vista para a Broadway, a casa em Beechmont Woods, Corinne e as crianças – asseveraram-se na sua imaginação como sacrifícios apropriados para a egoística procura de prazer. O que viu com mais clareza foi a casa, uma mansão ao estilo colonial com ripas brancas e venezianas pretas, porta escarlate, uma sebe de teixo e um imponente ulmeiro alto e fino no jardim da frente. Era como um troféu, uma fortaleza, um baluarte contra o sentimento de culpa.

Mas quando uma garrafa de cerveja errante caiu com um baque aos pés de Roger, as imagens esfumaram-se e lembrou-se do empregado de balcão espanhol, jovem, despachado e sem vontade de ser apanhado.

– Vem comigo – disse para Andy e começou a abrir caminho pelo meio da sala.

Um agente vermelhusco de traseiro pesado desferiu uma bastonada num afluxo de bichas que se esquivaram e gritaram estridentemente com a indignidade da situação. Roger esgueirou-se à volta delas, saltou por cima do balcão de zinco e puxou Andy. Desde o chão, avistou o espaço aberto entre as prateleiras de copos de onde fora retirado um painel. Rastejou atrás de Andy e serpentearam pela passagem que dava para uma caixa de escada fria e poeirenta.

– Mas que diabos? – gritou Andy, olhando para Roger.

Apoiado sobre as mãos e os joelhos, os olhos esbugalhados e a boca a sorver o ar, quase parecia uma criança. Seria uma presença formidável em qualquer recinto desportivo, mas na imundice de um bar *gay* durante uma rusga policial, parecia frágil e assustado como Henry, o filho de oito anos de Roger, depois de ter um pesadelo.

Roger levantou-se de um pulo e puxou Andy, fulminando-o com o olhar para que tivesse coragem.

– Continua a caminhar – disse. – Não pares.

Subiram meia dúzia de lanços de escada a correr, os passos a soar estranhamente em harmonia quando chegaram ao telhado. Quando Roger escancarou a porta de aço, que rangeu ao abrir, caíram em silêncio à sua volta flocos de neve e uma rajada de ar frio dissipou

o cheiro nauseabundo do bar. Mais à frente, vários homens estavam a saltar, um a um, para o edifício vizinho, desaparecendo depois nas trevas. Roger correu até à beira e percebeu que a distância era de apenas cerca de um metro e vinte e que a queda seria de apenas mais cerca de trinta centímetros. Seria bastante fácil, mesmo com a neve, até para um homem de trinta e nove anos.

Ao acalmar-se, sentiu o alívio da liberdade próxima e quase sorriu perante a ideia de uma fuga tão intrépida, como nos filmes e nos sonhos – embora nada se comparasse a aterrar um *Hellcat* de cinco toneladas numa curta pista de aterragem flutuante. É claro que nunca poderia revelar a aventura. Não a Schuyler, o melhor amigo, ou a Richard, o irmão mais velho, cirurgião cardíaco que achava que a compaixão era uma espécie de doença coronária. Certamente não ao pai, cuja pétrea integridade de carácter sucumbiria se alguma vez soubesse a verdade sobre o segundo filho. Essa verdade, lembrou-se Roger, ainda era um segredo só seu. Ainda não cometera qualquer erro fatal. Tinha apenas de saltar e a vida muito boa que tinha seria poupada. Pensou outra vez na casa e no ulmeiro, em Corinne, Henry e Lizzie. Sentiu o ardor da sua promessa, a promessa de um futuro feliz que ainda estaria à espera dele amanhã.

Virou-se para olhar para Andy, mas viu que o rapaz estava parado, sem reação, os ombros descaídos, a fitar inexpressivamente a noite, o futuro terminado mesmo antes de começar. Embora conseguisse transpor o espaço com facilidade e amortecer a queda sem problema, parecia colado ao chão, sujeito ao peso de algo compacto e desolado. A julgar pela expressão de choque no semblante de Andy, Roger percebeu que não adiantaria instá-lo.

A porta para a cobertura rangeu outra vez e o agente gordo e corado, a arfar e com a respiração difícil e ruidosa, ordenou-lhe que se afastasse da beira. Mesmo ao longe, Roger conseguiu lobrigar um cintilar de triunfo nos olhos do homem. Sabia que mais um segundo de hesitação de nada serviria para ajudar Andy. Tinha de se salvar – devia-o à família, aos amigos e a tudo o que era importante. Quase sentiu nos braços e nas pernas a força dessa obrigação a acicatá-lo. Porém – de algum modo – Roger também ficou sem reação. A sensação nos braços e nas pernas não o instava tanto como o mantinha no

lugar, exaurindo-lhe a força de vontade, lembrando toda a lamentável vida num único momento sombrio. Sentiu todas as vergonhas da juventude e da idade adulta, as provações do quotidiano, todas tão familiares e esgotantes. Viu a expressão confiante de Schuyler, o sorriso paciente de Corinne, nenhum deles merecido, nenhum deles realmente seu. Até a casa em Beechmont Woods lhe pareceu apenas um castelo em ruínas no ar. Quando os passos pesados do agente se aproximaram atrás dele, Roger olhou para a beira e para o caminho que levava à segurança, e depois outra vez para o pobre e desamparado Andy. Mas no fim foi um sentimento mais de cumplicidade do que de benevolência que lhe refreou a ânsia de saltar.